

DON QUIXOTE

Publicado por Angelo Agostini
Largo da Carioca Nº 4 (Sobrado)



Caca aos boatos. O primeiro tiro foi da "Gazeta", ... Felizarda! ...

O DON QUIXOTE

Rio de Janeiro, 10 de Março de 1900

Escritório e Redacção

LARGO DA CARIOCA N. 4

SOBRADO

==:(=

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno.....	25\$000	Anno.....	30\$000
Semestre....	14\$000	Semestre....	16\$000
NUMERO AVULSO 1\$000			

EXPEDIENTE

Agradecendo a todos os assignantes dos Estados que mandaram satisfazer a importancia de suas assignaturas, rogamos aos que ainda não o fizeram o obsequio de seguir tão bom exemplo, certos de que muito lhes ficaremos agradecidos.

Todas as pessoas que assignarem o nosso jornal receberão como premio os numeros que tratam das festas ao general Roca, por ocasião de sua visita a esta Capital.

Toda correspondencia deve ser dirigida a Angelo Agostini para o nosso escritorio—Largo da Carioca n. 4, sobrado.

UMA SESSÃO DO CONSELHO

Para se ter uma idéa do bello estado financeiro da nossa Municipalidade basta ler o n. 86 da mensagem do Prefeito, que diz o seguinte :

«Srs. membros do Conselho Municipal do Districto Federal.—Sendo insufficiente a verba de duzentos contos (200.000\$), fixada no art. 34, § 49 do orçamento em vigor, para pagamento da divida passiva, pois, como tive a honra de vos expôr em meu recente relatório, só com pessoal e material, relativos a exercicios findos, tem de pagar mais de quatro mil contos a Municipalidade em razão de compromissos de que se acha onerada, venho propôr-vos que o Conselho Municipal se digne por enquanto reforçar aquella verba do orçamento prorogado com a quantia de mil contos de réis (1.000.000\$).

E' urgente este credito por estarem delle dependentes diversos pagamentos de contas de contratos, vencimentos de funcionarios, alugueis de predios para escolas, etc. Districto Federal, em 5 de Março de 1900.—Dr. Antonio Coelho Rodrigues.»

Duzentos contos realmente é pouco para quem tem de pagar quatro mil.

Devem-se dar, entretanto, por muito satisfeitos os funcionarios e credores da Municipalidade em receberem vinte e cinco

por cento do que lhes é devido, em lugar de uma vigesima parte.

Esse acto do generoso e illustre prefeito merece os maiores louvores e grande manifestação de apreço da parte dos felizes credores.

Receber 25 % sobre honorarios ou importancia de uma factura depois de doitis ou três mezes de espera, não é barro!

Já se vê por ahi quanto são injustos os clamores que de toda parte se levantam contra a nossa honrada Municipalidade, acimada de caloteira.

Imaginem com que prazer esses felizardos, que abiscoitaram 25 % de seus ordenados, pagarão um mez de aluguel de casa sobre quatro que devem!

Com que satisfação pedirão ao taverneiro que lhes apresente a conta para pagar-lhe a quarta parte da sua importancia!

E' possivel que d'esse prazer não participe, nem o proprietario da casa, nem o fornecedor do feijão e da carne secca, generos principaes e indispensaveis da feijoada, alimento humilde porém nacional, com que se nutrem esses infelizes que já não nutrem esperança alguma de melhorar de posição... e de prato!

Si o proprietario e o taverneiro for em dois entes ferozes (quantos não ha?!) e não quizerem se conformar com esse pagamento de character official, sob n. 86 do manifesto, em que se pede mil contos para pagar quatro mil, ahi o pobre empregado municipal correrá o risco de ser posto no olho da rua e ter seu credito cortado de uma vez, sem appellação nem agravo.

O chefe da Prefeitura é quem deu o exemplo.

Quando o calote parte de cima, que podem fazer os pobres funcionarios que estão tão por baixo?!

Já que fallamos em chefe, não podemos deixar de dar um pequeno apanhado do que disse o Sr. Leite Ribeiro n'essa mesma sessão.

Este illustrissimo implica com a palavra chefe. Eis o que elle disse, não obstante ninguem lhe ter perguntado a que horas levantou-se da cama, n'esse dia :

«Motivos ponderosos forçaram-me a chegar hontem a esta casa no fim da 1 ora do expediente. Por isso não ouvi o meu distincto collega Rodrigues Alves, quando protestou contra a local do jornal A Imprensa, a qual aliás passou-me despercebida. Si estivesse, porém, pre-

sente daria o meu applauso ao 1º secretario e o secundaria. Conheço a existencia de chefes de policia, de chefes do trafego, de chefes de trem, de chefes de peça, de chefes de secção, mas não conheço a de chefes dos intendentes.

Protesto contra esta parte da local que se refere a chefes de grupos, por julgar isto deprimamente para o Conselho, que assim ficaria reduzido a dois molhos de titeres, sob a direcção de pseudos—chefes.

Entendo que cada um dos intendentes é um chefe, chefe de si mesmo, senhor soberano de suas opiniões e acções, pelas quaes é o unico responsave!; não admittiria em caso algum a chefia de quem quer que seja, e si isto se desse seria um rebelde.»

O caso é grave! O Sr. Leite não podendo ser chefe de um dos dois grupos, nem talvez de um terceiro, prefere tornar-se rebelde...

N'este caso parece-nos melhor que todos os intendentes sejam chefes de si mesmos, como elle disse. Serão, portanto, 15 chefes municipaes.

Durante quasi toda a sessão, esses chefes illustres trataram de politica, da eleição e de outras insignificancias, de um modo algum tanto caloroso, respeitando, todavia, e mutuamente suas respectivas ventas municipaes.

CASO EXTRAORDINARIO

O que, porém, causou-nos a maior admiração, o que realmente é inexplicavel e até incrivel é ter um d'esses chefes escapado de ser assassinado e talvez esgarçado pelos seus proprios collegas.

Imaginem que o chefe Azevedo Lima teve a coragem, a imprudencia, a ousadia, o topete de propôr, e sem mais aquella, que se abatessa, para dar um exemplo de economia, nada menos de 25 % sobre os ordenados dos intendentes!!!

E o Sr. Azevedo Lima ainda está vivo?! perguntarão os leitores...

E' verdade!!!

O Dr. Cesario Alvim, que pedira apenas 10 %, causou tal alvoroço, que quasi teve de largar a cadeira de prefeito... imaginem 25 %!!!

Si não fosse o presidente municipal Numa rejeitar apressadamente tal projecto por ser contra a lei organica, não se pôde prevêr o que teria acontecido a esse patriótico edesinteressado chefe!

O illustre Azevedo Lima, desejando chamar sobre si a attenção publica, correu serio risco de chamar ao mesmo tempo sobre sua cabeça incalculavel numero de

casados, não só de seus collegas, como de todo o pessoal municipal! E, como este não é pequeno... quanta decepção e quantos gallos!...

VIA FERREA

Não se pôde dizer que os nossos edis sejam sempre exigentes.

Cidadãos ha favorecidos pela fortuna, e n'esse caso a fortuna encarnou-se (termo spirita) em quatro illustres edis, que apenas exigiram um conto de réis para a caixa do Monte-Pio Municipal dos Srs. Pacca e Barroso, que obtiveram a concessão de uma linha ferro-carril para seu uso e gozo.

Nada mais barato, e si tivéssemos sabido d'isso em tempo, teríamos offerecido à Intendencia mais dez tostões.

Na verdade, obter uma concessão de via-ferrea por um conto de réis não é caro.

Nunca perdoaremos ao Sr. Leite Borges, nosso amigo, não nos ter avisado. O Monte-Pio lucrava mais dez tostões e nós o uso e gozo de passear até Irajá de meia caia.

PLANO DE SANEAMENTO

O Dr. J. B. Lacerda, presidente da secção medica da Academia de Medicina, requereu que fosse tomado em consideração pelo Conselho um plano de saneamento do Districto Federal, cujas bases apresentou.

Não duvidamos que esse plano seja tomado na devida consideração, como o têm sido já 597 projectos de saneamento, segundo informou o Sr. Alvarenga, um dos graúdos da Municipalidade, que se acha encarregado de pôr com o devido acatamento uma pedra sobre todos esses planos e projectos.

COITADA !!!

A pedra que o Sr. Alvarenga tem collocado com o mais profundo desgosto e com os olhos ensopados em lagrimos, foi a do tumulo que encerra os restos mortaes da Sociedade Commemorativa das Datas Nacionais!

Coitada! Falleceu victima de dentição e nem chegou a viver dois annos!

Parece que os dentes eram de má qualidade e já não podiam morder convenientemente os cidadãos, a custa de quem ella fazia as festas nacionais.

De balde papai Alvarenga e o seu padrinho J. C. de Carvalho empregaram todos os meios para salva-la.

Colossaes sanguessugas foram indicadas como remedio infallivel; mas o seu custo era um milhão de contos de reis, pagos em diversas loterias...

As bichas não pegaram e a pobresinha falleceu!

Calcule-se a dôr d'estes dois distinctos patriotas vendo morrerem ao mesmo tempo a pobre Datinha Nacional e sua Exma. Mãe D. Pepineira, que não resistiu a tão profundo golpe!

Attentado contra a Arte

Não é sem pasmar que lemos a seguinte declaração publicada n'um jornal acerca do mercado da Gloria.

O Sr. ministro da fazenda não pôde, sem commetter um crime e que não terá a menor attenuante, abrir concorrência para arrendar esse mercado.

Eis o que lemos:

«Acha-se em mãos do Sr. ministro da fazenda uma proposta para arrendamento do antigo mercado da Gloria, situado no largo que tem tal denominação.

Pretendia-se fazer naquella proprio nacional as necessarias modificações para se installar a Academia de Bellas-Artes.

Como, porém, esses reparos e adaptações tivessem de ficar muito dispendiosos ao governo, o Sr. ministro da fazenda retardará o seu placet para semelhante execução; agora que lhe propõe o arrendamento do velho mercado, S. Ex. dispõe-se a essa negociação e mandará abrir concorrência para tal fim, nos termos da lei.»

Sabemos que o Sr. Dr. Murtinho é um amator de bellas-arts e passa por ter bom gosto em tudo. Tambem sabemos que o Dr. Murtinho é ministro da fazenda e pretende fazer negocio de tudo, com o fim de obter dinheiro e satisfazer honrosamente os compromissos tomados em bem do credito da Nação.

Tudo isto é muito louvavel sem duvida, e pôde S. Ex. arrendar a Estrada de Ferro Central, a Alfandega, o Correio, a Casa da Moeda, que para nada serve e não produz sinão pepinos, rabanetes, toda especie de prejuizos, roubos de sellos e de estampilhas e não sei que mais; tudo isto pôde o Sr. ministro da fazenda arrendar e ainda por cima juntar a nossa Camara Municipal, a Prefeitura com o seu Coelho, a Camara com todos seus deputados, o Senado com seus senadores, que prestará um grande serviço ao paiz, realizando grandes economias e tudo quanto pôde satisfazer os louvaveis desejos de um

ministro verdadeiramente patriota e financeiro.

Porém arrendar o mercado da Gloria? Nunca!

O Sr. Dr. Murtinho, que não é um Coelho prefetural, não pôde deixar de comprehender que si o director da Escola de Bellas-Artes se empenha ha tantos annos para obter esse mercado da Gloria e para ahi mudar a Escola e ao mesmo tempo o nosso museu artistico, é porque já esse antigo edificio não serve de modo algum para o fim a que foi destinado, e tudo quanto elle contém em objectos de arte está arriscado a ficar de todo perdido.

A Arte tem felizmente progredido entre nós e, si no tempo em que esta nascia, esse edificio era espaçoso, hoje, que ella se desenvolveu, tornou-se por tal modo acanhado, que já não pôde servir nem para os artistas, nem para estudo, nem para museu, nem para cousa alguma.

A Arte é como qualquer pessoa; nasce e cresce. Si obrigassem o Sr. Dr. Murtinho, que cresceu physicamente, moralmente e intellectualmente gozando por isso da estima de todos os cidadãos brasileiros pelas suas brillhantes qualidades como medico, como homem scientifico, financeiro, estadista... (desculpe o engrossamento, mas n'este caso é preciso), a deitar-se à força no berço em que o collocaram apenas lhe cortaram o umbigo, S. Ex. havia de achar o leito por demais pequeno e protestar energicamente contra tamanho absurdo.

Pois é o que se dá actualmente com a Escola de Bellas-Artes.

Cresceu, já não cabe mais no edificio construido ha perto de um seculo.

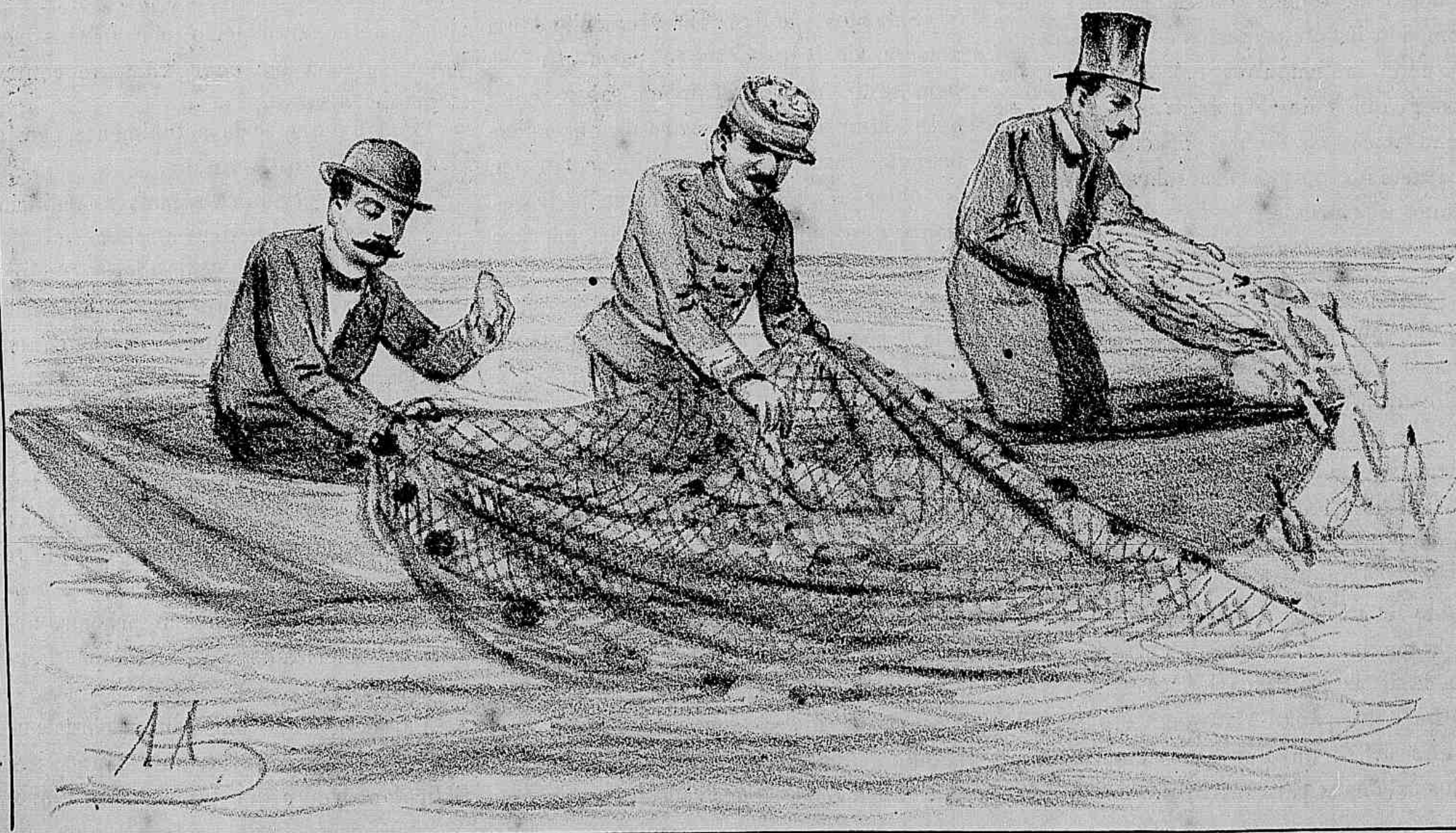
E já que o Dr. Murtinho é amator, fique S. Ex. sabendo que ha n'esse edificio valores artisticos de milhares de contos de reis em quadros originaes de grandes mestres e em outros de não pouco valor nacionaes.

Quem sempre se interessou, quem tem trabalhado extraordinariamente para a mudança da Escola do logar em que se acha para o mercado de Gloria, é o proprio director, o grande e o primeiro artista da America do Sul, Rodolpho Bernardelli.

Parece-nos que um homem d'esta ordem, tão bem conceituado no mundo artistico europeu e que tanto honra a arte



Dizem que alguns monarchistas, disfarcados e com barbas posticas, andaram a pescar no rio dos Barbonos. E tambem dizem que os peixes comeram a isca e...: aquillo no anzol.



Tambem dizem que a pescaria que fez a policia não deu o resultado que se esperava. Muito peixe apanhou, porem de tal qualidade que teve de deitar ao mar.

Vingança de uma vacca brava. (Sem allusão ao senador)



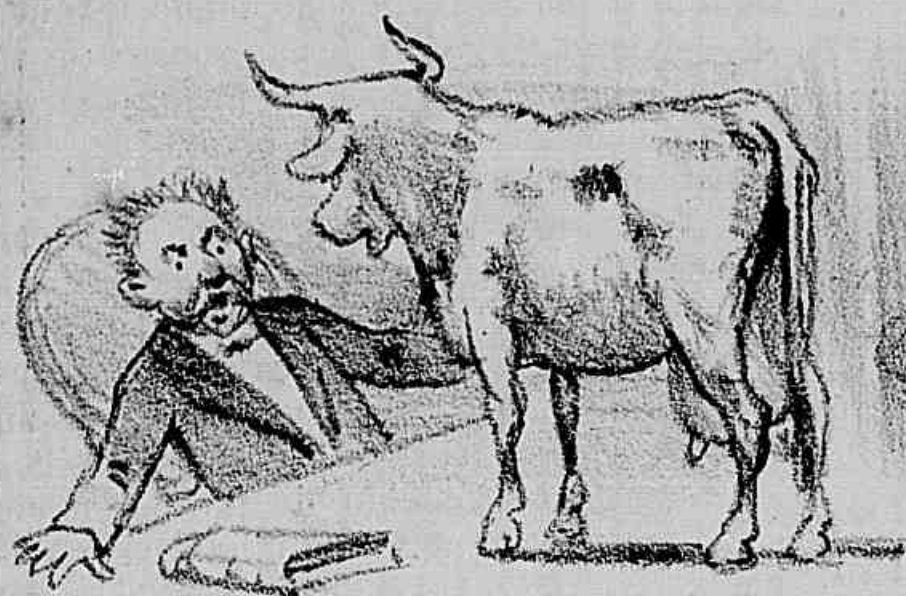
A vacca da E.C.V. não sae da cabeça do prefeito, elle mesmo o disse.



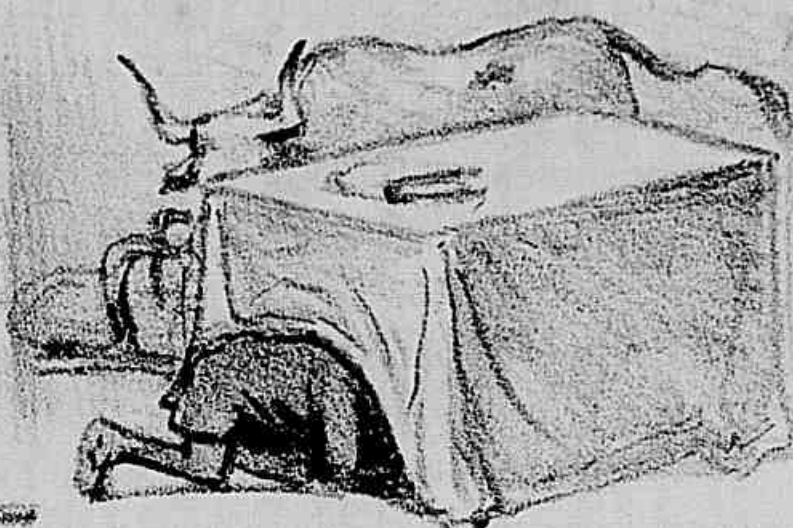
Devido tratar de outros assumptos, resolveu pol-a de lado um instante.



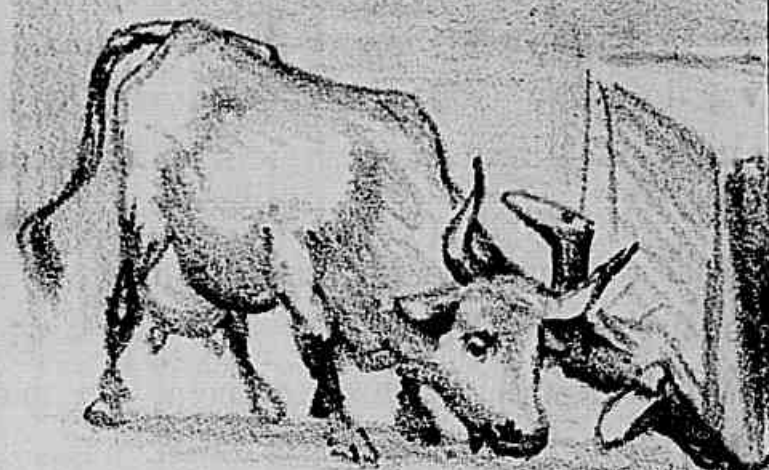
O calor, porem, era tal, que S. Ex. adormeceu e a vacca cresceu.



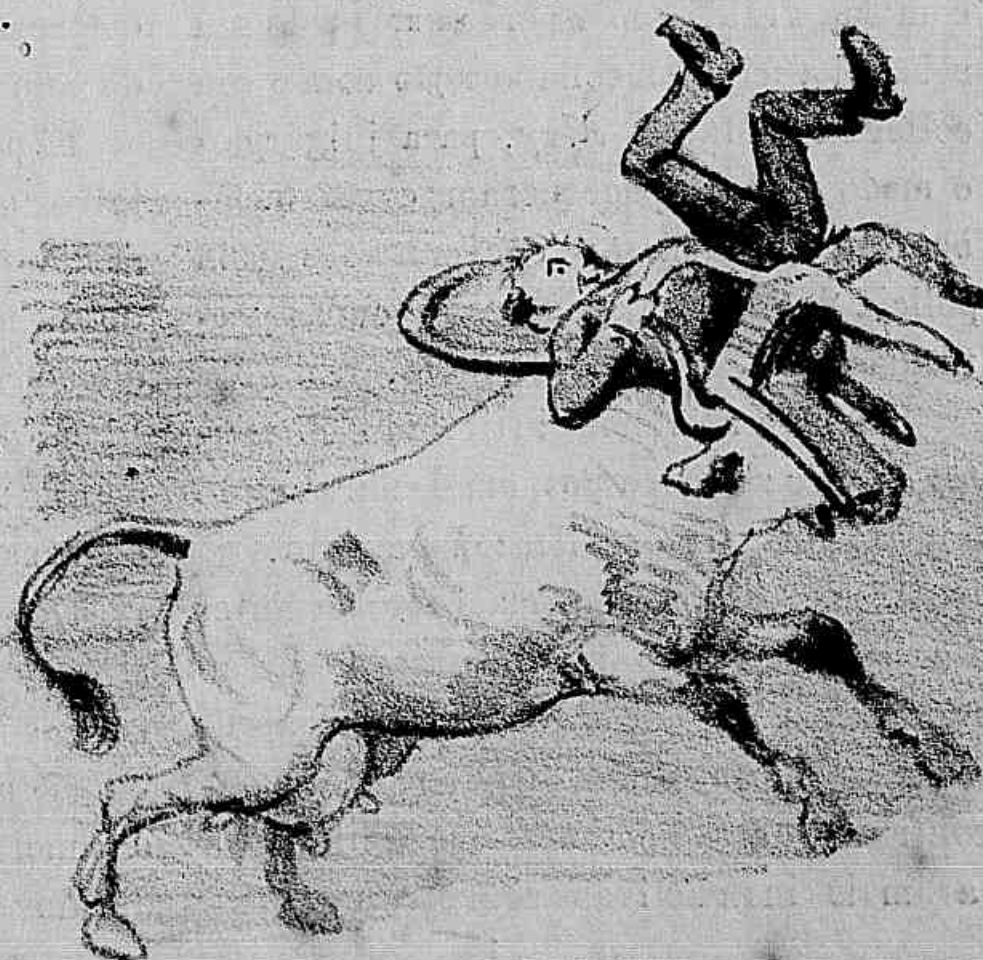
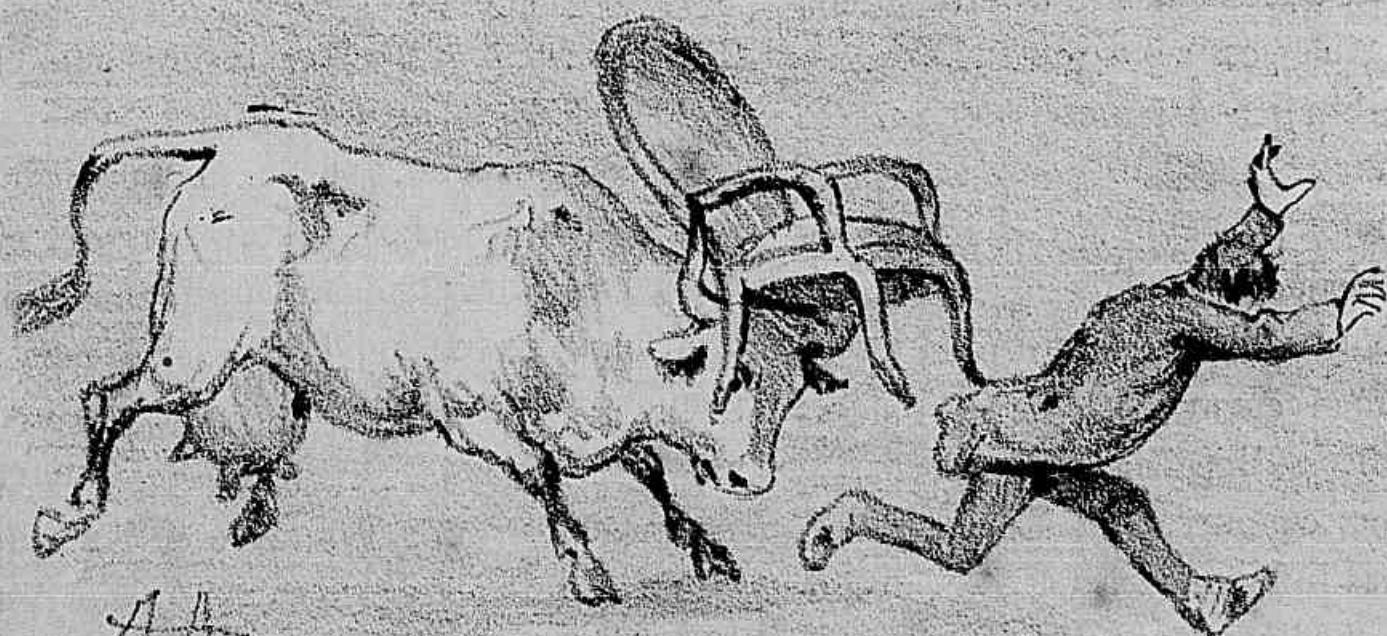
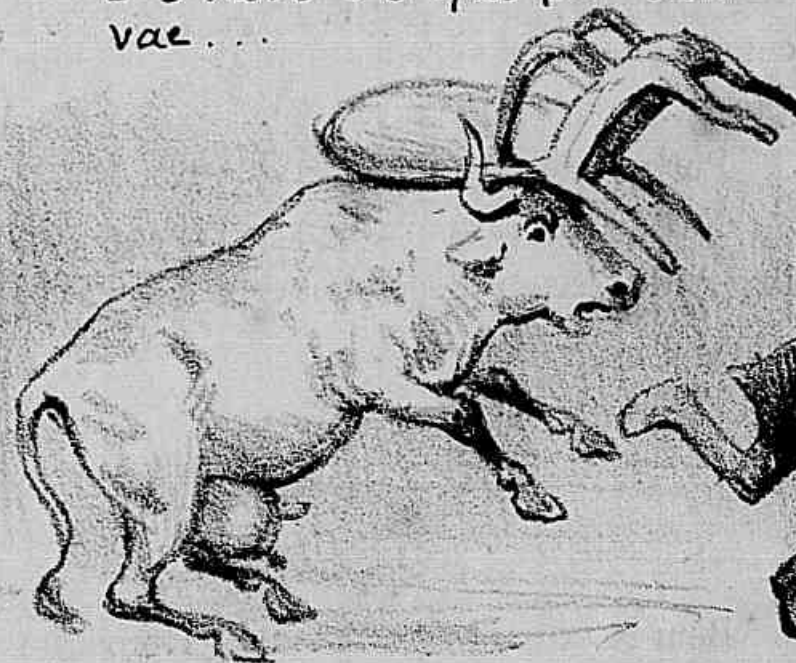
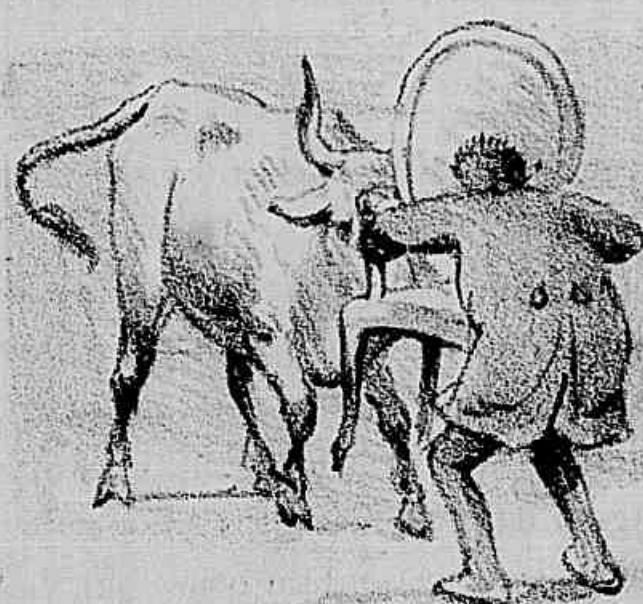
Ao acordar S. Ex. sentio-se possuido de pavor!



e tratou de fugir da vacca



Mas a vacca, embravecida, entendeu o contrario... e o resto é o que por ahi vae...



(Continua.)

nacional, não pôde, depois de ter obtido o mercado da Gloria para ali collocar nossa Escola Nacional de Bellas-Artes, onde se encontram bellezas artisticas estrangeiras e naciones, tanto na escultura como na pintura e gravura, passar pelo desgosto e pela desfeita de ver arrendar esse local a qualquer especulador em troca de alguns contos de reis.

Quem ficaria prejudicada é a Nação, tanto materialmente como moralmente.

Em bellas-artes occupamos o primeiro logar na America do Sul.

Nem o Sr. Dr. Campos Salles, nem o Sr. Dr. Murinho e nem o Dr. Epitacio podem pretender matar ou, pelo menos, deixar morrer a arte nacional.

Não acreditamos, portanto, que se arrende a mercado da Gloria.

O Sr. ministro do interior tem o dever de olhar para isso, e não ha de querer que se commetta um crime de lesa arte e lesa civilisação!

E a imprensa da capital não protesta contra esse attentado!

Esta nossa imprensa tambem, em materia de bellas-artes, pôde limpar as mãos à parede...

Fizeram acreditar que ficariam muito dispendiosas as obras, para que ninguem censurasse tal arrendamento. Podemos garantir que isto é inexacto.

Porque não publicam a quantia?

Naturalmente para não se ver que em logar de serem dispendiosas são baratisimas.

Pobre Arte!

SUGGESTÃO CURATIVA

Bem razão tinha o Sr. Dr. Henrique de Sá em pedir-nos, quando nos honrou com sua visita, que esperassemos pelo seu relatorio, feito em collaboração com o seu collega Dr. Marcio Nery, para julgarmos o modo por que procederam como membros da commissão encarregados pela policia de dar parecer sobre as curas praticadas pelo Sr. Eduardo Silva.

Lemos o relatorio intitulado *Sugestão curativa* e folgamos em declarar que nos causou uma excellente impressão.

A sua leitura é das mais interessantes e entendemos que não é unicamente ao l. auxiliar da policia que deve ser apresentado; é, sobretudo, ao publico, que encontrará nelle uma descripção historica as mais instructivas sobre cousas ex-

traordinarias e que datam de épocas as mais remotas.

Por ali vê-se que os dois illustres medicos reconhecem haver realmente entes privilegiados pela natureza, aos quaes esta dotou de certo fluido ou força vital que lhes permite alliviar dores e operar certas curas, apenas com a imposição das mãos sem individuos que tenham fé e que facilmente possam ser suggestionados.

A imposição das mãos simplesmente, sem a imperiosa vontade de curar o doente, de nada vale, como o declarou o proprio Eduardo Silva.

Pôde haver alguma contestação de parte d'este sobre o numero de doentes curados que dá o relatorio, pois é possível, de entre os taes que nunca mais se apresentaram à commissão, haver alguns bastante egoistas que, achando-se curados, não quizessem mais dar-se ao incommodo de procural-a; d'isto estamos nós plenamente convencido.

Em todo caso, qualquer que seja o numero dos doentes, está mais que provado que si o engenheiro Eduardo Silva não cura todas as molestias, nem por isso deixa de obter os melhores resultados em algumas, e os beneficios que presta à humanidade são reaes e incontestaveis. Não dando o menor medicamento, nem mesmo homoeopatico, é claro que seus doentes não correm de nenhum modo o risco de morrerem da cura.

Com o maior prazer vemos que em seu relatorio a commissão procedeu com toda a lealdade e sem nenhum *parti pris* de querer hostilizar o Sr. Eduardo Silva. Longe d'isto, os distinctos e honrados medicos nol-o apresentam como um homem que se dedica a beneficiar o seu semelhante, sem a menor idéa de especulação e empregando simplesmente o benefico fluido com que a natureza o dotou.

E' possível que esse relatorio não seja talvez apreciado como merece por certos medicos, que entendem ser a allopathia a unica medicina possível e que tudo o mais é charlatanismo; isso pouco importa.

Os distinctos medicos que o assignam deram a maior prova de sua competencia e de sua seriedade.

O Sr. Eduardo Silva não pôde curar sinão o que é curavel e o mesmo dá-se com os medicos allopathas.

Si a sua concorrência no mercado das molestias influe nos interesses prejudicados de medicos sem clinica e botica-

rios sem drogas, os bons medicos e os bons pharmaceuticos bem sortidos de medicamentos não soffrem cousa alguma, e enquanto o mundo fôr mundo ha de sempre haver quem se cure e não se cure, quem nasça e quem morra.

O relatorio *Sugestão curativa* nos agrada e para nós é quanto basta.

O 4º CENTENARIO

A directoria da Associação do 4º Centenario do Descobrimento do Brasil esteve como os Srs. ministro da guerra, chefe do estado-maior do exercito e commandante do 4º districto militar e com o Sr. prefeito do Districto Federal. Por todas essas dignas autoridades a directoria foi acolhida com extrema benevolencia, tendo em resposta ao pedido da associação que ellas fariam quanto lhes fosse possível afim de concorrer para o brilho das festas commemorativas de Maio.

Toda esta benevolencia faz lembrar certos offerecimentos que muitos fazem a pessoas que lhes são recommendadas, mas com intimo desejo de nunca serem occupados por ellas, sobretudo si o negocio cheirar a despesas.

Estamos convencido de que por parte do ministro da guerra não haverá novidade.

Tropa não é dinheiro; ella, portanto, não faltará à festa com todo o brilhantismo.

Quanto ao prefeito, o caso é diverso. A Prefeitura anda n'uma medonha pindahya e d'aquelle matto não sae coelho (sem allusão).

AINDA A CARNE

A questão do abastecimento das carnes tem preocupado sobremodo o Coelho.

Quando fallamos do Coelho, já se sabe que é do Rodrigues, e estes dois nomes juntos constituem o actual prefeito, boa pessoa, como particular, quando não está zangado, mas um tanto calino e sempre prompto a tomar a nuvem por Juno e a acreditar tudo quanto lhe mettem na cabeça.

Como particular, S. Ex. pôde fazer o que quizer; ninguem se incomoda com isso e nós ainda menos.

Como prefeito, porém, o negocio é outro e não podemos deixar passar sem reparo as tolices, pois que outro nome não têm, as idéas expendidas na sua mensagem, servindo assim de instrumento inconsciente de um grupo de trampolineiros.

Estes fizeram acreditar a S. Ex. que o tal socio, que a Empreza das Carnes Verdes se viu na necessidade de pôr na rua,

era o principal esteio do contrato, o mais honrado de todos os socios e o que offerecia as maiores garantias á Prefeitura, sendo por essa razão victima da maior das perversidades.

Que pouca vergonha! terá dito o illustre e ingenuo prefeito.

E, além d'isso, accrescentaram os taes intrigantes, o maior capital é o do socio expulso, assim como toda a boiada que se acha em Santa Cruz,

Que patifaria! terá exclamado o Dr. Coelho. Eu vou pôr cobro a tudo isso; vou-lhes dar uma lição! N'este momento estou preparando a minha mensagem e farei uma referencia a esse facto, declarando ser o socio expulso o que me merece mais confiança.

Assim o disse e assim o fez.

E' impossivel que a esta hora S. Ex. ainda não enxergue o triste papel que representou em tudo isso, pois é de suppôr que deve ter tomado informações exactas do que ha de real n'esta questão, que tem preocupado a imprensa e a população, interessadas em saber da verdade.

Todas as vezes que comemos o nosso bife, não podemos, ao mastigal-o, deixar de pensar em todas essas aventuras, porque elle passa desdeo matadouro de Santa Cruz até o nosso estomago, para onde o fatal destino o envia.

Por essa razão que, além de ser nutritiva, tambem é importante, sempre trataremos de defender o contrato das Carnes Verdes, que em boa hora appareceu para livrar-nos da especulação a que dava occasião a tal MATANÇA LIVRE, que livremente permittia prejudicar a industria pastoril em beneficio de alguns, e egualmente á população desta Capital, á qual os açougueiros impunham o preço que bem lhes parecia.

Como o Sr. Coelho Rodrigues deu a entender na sua mensagem não ser deseado o tal contrato e ter feito certas cousas injustas e inqualificaveis contra os cidadãos que o executam, o que verificamos pelos jornaes, não podemos deixar de aconselhar S. Ex. a que proceda n'essa questão com a maior correcção e criterio, o que acreditamos ser o seu maior desejo.

Para isto basta que o Sr. prefeito não acredite sinão n'aquillo que vê e não no que lhe dizem.

Deixe de uma vez de proteger o tal socio que foi expulso da firma, e trate de saber a razão por que esta assim procedeu.

Estamos convencido de que si assim proceder S. Ex., que é um homem de bem, reconhecerá ter sido enganado pelo tal socio e seus parceiros, que abusaram da sua boa fé.

Nunca é tarde para fazer justiça.

No Rio Grande do Sul

Um telegramma que deu que fallar é o tal que foi dirigido ao *Jornal do Commercio*, com vistas ao presidente da Republica, pelo presidente da praca do commercio de Porto Alegre, o Sr. Euripedes de Mostardeiro, que pelo nome não perca.

Não sabemos realmente que importancia possa ter semelhante telegramma para assim agitar a opinião, dirão alguns.

Si os impostos fizeram chegar a mostarda ao nariz do tal Sr. Mostardeiro, a ponto de exprimir-se por esse modo tão insolito e ameaçador, é porque o tal Euripedes está lá no Rio Grande do Sul, onde impera a politica castilhistas, a primeira a dar o exemplo da insubordinação a tudo quanto diz respeito ao governo da União e ás suas proprias instituições. Isto é o que nós pensamos.

Nosso eterno mal é aquilatar todo o Brasil pelo Rio de Janeiro.

Esta phrase do telegramma não nos passa despercebida.

E' tudo quanto pôde haver de mais castilhistas.

Este paragrapho, que extrahimos do telegramma mostarda, não é menos significativo:

«Achamos-nos sujeitos a presenciar grandes conflictos no interior do Estado, conforme hortem já houve exemplo. A cada momento somos instigados a promover opposição do impcto sobre o stock, não só pelas associações do nosso Estado, como pelas nossas co-irmãs de diversos pontos do Brasil, que perguntam qual a nossa attitude.»

Si em apparencia o nosso governo da União está em paz com o do Rio Grande do Sul, é bom sempre abrir os olhos por esse lado, e lembrar-se, em referencia ao castilhismo, da celebre e muita acertada phrase do marechal Floriano Peixoto: *Confie desconfiando sempre!*

Não ha duvida alguma que o governo do Estado Castilhado procurará desfazer a má impressão produzida por tão insolito telegramma.

A occasião talvez não seja opportuna...

Em todo caso, nós não confiamos; desconfiamos sempre.

118!!!

Muita gente tem estranhado que o governo de Washington permittisse ao embaixador ottomano Aliferra-bey que installasse o seu harem 118 mulheres n'essa cidade.

Que mal ha n'isso?

Tomara a rapaziada d'esta capital que algum embaixador turco viesse ao Rio de Janeiro até com 236 mulheres e que fossem bonitas...

Apezar de bem encerradas, nem por isso parece-nos que ficariam livres de ser raptadas.

Que melhor peça pôde um christão pregar a um turco?!

Admiram-se que estes supportem tantas mulheres, mas não se lembram de que um christão, que apenas tem uma, aguenta com sogras que valem bem por 118 mulheres!

Maestro a chegar

Dizem que o maestro Mascagni, o autor da *Cavalleria Rusticana* e outras operas não menos applaudidas, virá ao Rio de Janeiro; venha elle!

Já tivemos um maestro francez, teremos tambem um italiano.

O Lulú felizmente não está aqui, está em Paris; mas temos o Barbosa e o Centro Artístico. Para fallar verdade não sabemos si este ainda existe; anda tão calado...

Quanto ao estar o Castrinho em Paris, o critico musical nada perdeu e quem lucrou foi a *Gazeta de Noticias*.

E' sempre com o maior prazer que lemos a interessantissima correspondencia que o Luiz de Castro envia á nossa collega.

Tambem não admira, está em Paris!...

NOSSA ESTANTE

Recebemos e agradecemos:

A. GARRETT no seu primeiro centenario.—Homenagem de Anna Castro Osorio e Paulino de Oliveira.

CARAS Y CARETAS de Buenos Aires.—Esplendido como sempre.

CORREIO DE CAMPINAS — O numero de 1 de março é dedicado ao Dr. Campos Salles. D'esta vez o collega deitou illustrações. A primeira pagina traz os retratos do Dr. Campos Salles, de todo o ministerio, do actual prefeito e do chefe de policia.

Lê-se o seguinte n'essa pagina de honra: «Ao patriótico e benemerito governo do illustre campineiro Dr. Manoel Ferraz de Campos Salles, no dia do segundo anniversario da eleição que em boa hora elevou esse eminente cidadão á presidencia da Republica, o *Correio de Campinas* presta esta sincera homenagem.»

LE CONSEILLER DE LA MODE et le *Petit Moniteur* reunis. Ns. 3 e 4. Publicação interessantissima para o bello sexo. Enviados pela Agencia Central de Assignaturas dos Srs. F. Lacoste & Comp.

MUSICAS

OS NAMORADOS — Schottish de Cesare Bonafous.

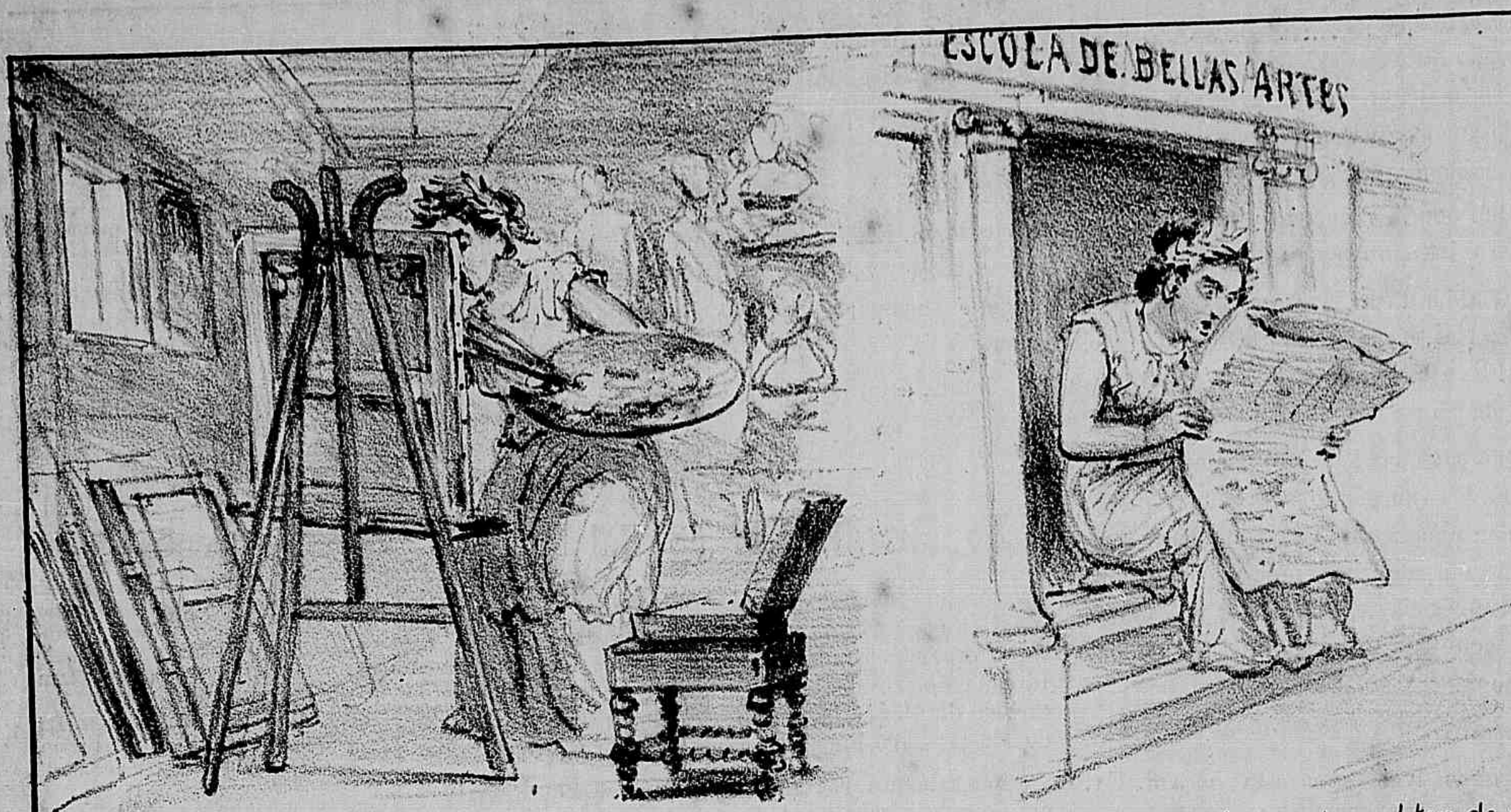
GUAPA — Polka do mesmo Cesare Bonafous. Esta é dedicada *Al Signor Cesare Bevilacqua*. Dedicada a um dos editores deve ser estu-penda!

QUE BONITA!!! — Mazurka de Cesare Bonafous. Ainda!

Este compositor não faz outra cousa. O titulo indica, naturalmente, o que é essa mazurka.

Estas tres composições musicas e dansantes, são da fabrica de musicas a vapor dos Srs. E. Bevilacqua & Comp.

CONGRESSO COMMERCIAL — A lista da nova directoria e dos membros do conselho, enviada pelo 1º secretario. A todos esses distinctos cavallheiros enviamos nossos cumprimentos.



Ha muitos annos que a Arte Nacional trabalha em local acanhado, sem luz e sem ar e com quadros de grandes mestres nacionaes e estrangeiros encostados, a estragarem-se por não haver onde os pendurar.

Conseguiu, afinal, um dia obter de um ministro, o Sr. Amaro Cavalcante, o mercado da Gloria, para onde devia mudar seus penates. Hoje, ella vê com espanto que outro ministro tira-lhe esse local para o arrendar!



— Srs. ministros. Esse arrendamento é um attentado à nossa civilização e à Arte, unica coisa em que o Brasil supplanha as demais nações sul-americanas. Eis aqui um punhal, matem-me de uma vez!